

O “Parque Geomorfológico de Monsanto” através do seu percurso pedestre *As Pedras para Além do Sagrado*

CARLOS NETO DE CARVALHO

Centro Cultural Raiano - Gabinete de Geologia e Paleontologia.
Avenida Zona Nova de Expansão 1º, 6060-101 Idanha-a-Nova.
Centro de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
Bloco C6, 4º piso, P-1749-016 Lisboa.
E-mail: praedichnia@hotmail.com

Resumo: O Parque Geomorfológico de Monsanto é uma área de interesse lúdico e científico, apta essencialmente para a divulgação das Ciências da Terra num contexto histórico-cultural milenar, ainda hoje invulgarmente preservado. Poderá vir a ser constituído por um núcleo museológico e por um ou mais percursos pedestres com carácter multidisciplinar. A espinha dorsal deste espaço natural é a pequena rota As Pedras para Além do Sagrado. O seu interesse científico é abordado no presente trabalho.

Palavras-chave: património geomorfológico; formas graníticas; Monsanto; Idanha-a-Nova.

Abstract: The Geomorphologic Park of Monsanto is an area of recreational and scientific interest with vocation for Earth Sciences divulgation in a rich millenary historical-scientific context, nowadays still unusually preserved. The Park will be composed eventually by a museum and by one or more multidisciplinary pedestrian circuits. The backbone of this natural place is the short track Stones beyond the Sacred. Its scientific interest is described in this work.

Key-words: geomorphologic heritage; granite landforms; Monsanto; Idanha-a-Nova.

I. Introdução

Os granitos em Portugal abundam na região Norte e Centro. Mas é irrompendo da Superfície Fundamental da Meseta sob a forma de *Inselberge*, ao longo do Distrito de Castelo Branco, que os granitos vincam a paisagem sobremaneira. Zona de povoamento milenar, desde cedo os *inselberge* foram habitados no sentido de incrementar a defesa de vastas regiões aplanadas. Povoações como Monsanto, Penamacor ou Sortelha ainda hoje se aninham entre colossais bolas de granito, que lhes serviram enquanto sentinelas da raia, de paredes e de muralhas. Nestas regiões, os povos praticaram a sua religiosidade naturalista sacralizando espaços e pedras que a Natureza se esmerou ao dar forma. E a Natureza foi particularmente imaginativa com os granitos. O modo como se deu a sua meteorização associada a um padrão característico de fracturação das rochas, promoveu a escultura natural de formas que se repetem no espaço. Para as explicar houve a necessidade de as “espiritualizar”. Muito mais tarde, com o advento do Catolicismo, muitas das formas graníticas

particulares associadas ao “culto das pedras”, *loca sacra* que tinham sido ritualizadas nas práticas dos primeiros tempos de conversão cristã, foram infligidas de cruces ou excomungadas (Vasconcelos, 1989). Mas estas pedras estão de tal modo enraizadas na religião popular portuguesa (Espírito Santo, 1990) que ainda hoje não se encontram esquecidas. São alguns exemplos de granitos devotos (Amarante, 2003) as *pedras de escorregar*, blocos partidos e deslocados como a Pedra Comprida, na Serra de S. Domingos (Lamego), a Pedra dos Namorados (Monsaraz), uma *rocha-pedestal*, ou a Pedra Leital (Famalicão). As cruces gravadas na rocha e os rituais “pagãos” são, ainda hoje, particularmente evidentes no Monsanto.

Monsanto da Beira, alcandorada no cabeço conhecido desde há muitos séculos por *Mons Sanctus*, é uma das terras em Portugal onde ainda se respira uma profunda relação espiritual do Homem com a rocha. E ainda hoje é procurada pelos “druidas modernos” de todo o mundo. Na “aldeia mais portuguesa de Portugal” o granito

é omnipresente na sua forma talhada ou em bruto e serviu para quase tudo o que é passível de ser construído, desde as paredes das casas de habitação e das furdas e bebedouros do gado, aos painos das fortificações e das igrejas, capelas, para além das alminhas e sepulturas. É nesta paisagem cultural própria conservada viva que surge a ideia de constituir o “Parque Geomorfológico de Monsanto”, um espaço temático com características raras onde às numerosas crenças acresce a interpretação científica da origem natural de algumas das pedras graníticas mais emblemáticas. O parque surge também como uma necessidade de erradicar preconceitos antropocêntricos criacionistas quanto à génese de certas pedras, numa região onde desde os finais do séc. XIX tudo o que é antigo pode ser explicado por fundamentos arqueológicos, perfeitamente enquadráveis no intervalo de tempo bíblico. Como exemplo, vejamos as deliciosas interpretações antropomórficas de formas graníticas beirãs por Pires (2000).

2. A definição do “Parque Geomorfológico de Monsanto”

O “Parque Geomorfológico de Monsanto” corresponderá a um espaço pedagógico e de lazer sem fronteiras definidas nem restrições adicionais tuteladas por lei, abrangendo as paisagens graníticas da região de Monsanto. Este espaço muito bem preservado em termos paisagísticos e com uma pressão humana controlada encontra-se actualmente em fase de avaliação de projecto pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. Pretende-se que este seja um pólo de dinamização da geomorfologia na região NE de Idanha, em situação estratégica numa das principais zonas turísticas do concelho, abrangendo a “aldeia mais portuguesa de Portugal” e o magnífico mirante que é o *inselberg* encimado pelo vetusto castelo de Monsanto. O parque poderá vir a ser constituído por um centro de interpretação/núcleo museológico, onde qualquer tipo de público poderá fazer uma viagem científica e pretensamente sensorial ao *Mons Sanctus* mítico num espaço restrito e com todas as comodidades. Esta exposição homena-

geará o brilhante geógrafo Orlando Ribeiro pela sua extensa obra no âmbito da Geomorfologia e da Cartografia Geológica da Beira Baixa, realçando-se os seus estudos sobre a formação dos *montes-ilha* de Monsanto-Morerinha (Ribeiro, 1939, 1942, 1949, 1951). Por outro lado, mas que se quer em interdependência, existe um percurso pedestre de pequena rota denominado “As Pedras para Além do Sagrado”, com características mistas (urbano/montanha), onde os mais afoitos do desporto na Natureza e o público compelido pela curiosidade encontrarão ciência e cultura popular num espaço natural privilegiado e, ainda hoje, praticamente incólume. Os objectivos do “Parque” prender-se-ão essencialmente com a divulgação e incremento do conhecimento geológico, assim como do património cultural de Monsanto, e não com qualquer tipo de gestão territorial.

3. Descrição da rota de *As Pedras para Além do Sagrado*

O presente trabalho pretende fazer a descrição dos principais Locais de Interesse Geomorfológico (daqui para a frente referidos como LIG) presentes ao longo do percurso pedestre circular, já parcialmente marcado com sinalética própria, que liga o santuário de S. Pedro de Vir-a-Corça, na base do *inselberg*, ao Castelo de Monsanto, atravessando a povoação (Fig. 1). Existem outros locais interessantes em redor de Monsanto com acesso fácil através da estrada que rodeia o cabeço, como o Penedo da Escalreira situado a NW, ou as serras da Moreirinha e Alegrios a E, passíveis de vir a constituir novos percursos de interesse.

Cabe nesta introdução fazer um apontamento sumário sobre a origem do cabeço do Monsanto. O granito de Monsanto é a porção visível da terminação Sul do plutonito tardivarisco de Penamacor. O granito em geral é de duas micas, porfíroide, de grão médio a grosseiro, com uma baixa deformação e uma fracturação pouco densa. A formação do relevo, um impressionante *inselberg* acastelado com um *knick* (ou ângulo entre o relevo e a superfície de aplanção) pronunciado, elevando-se mais de 3 centenas de metros acima da superfície de aplanção (altitude máxima de 758m)

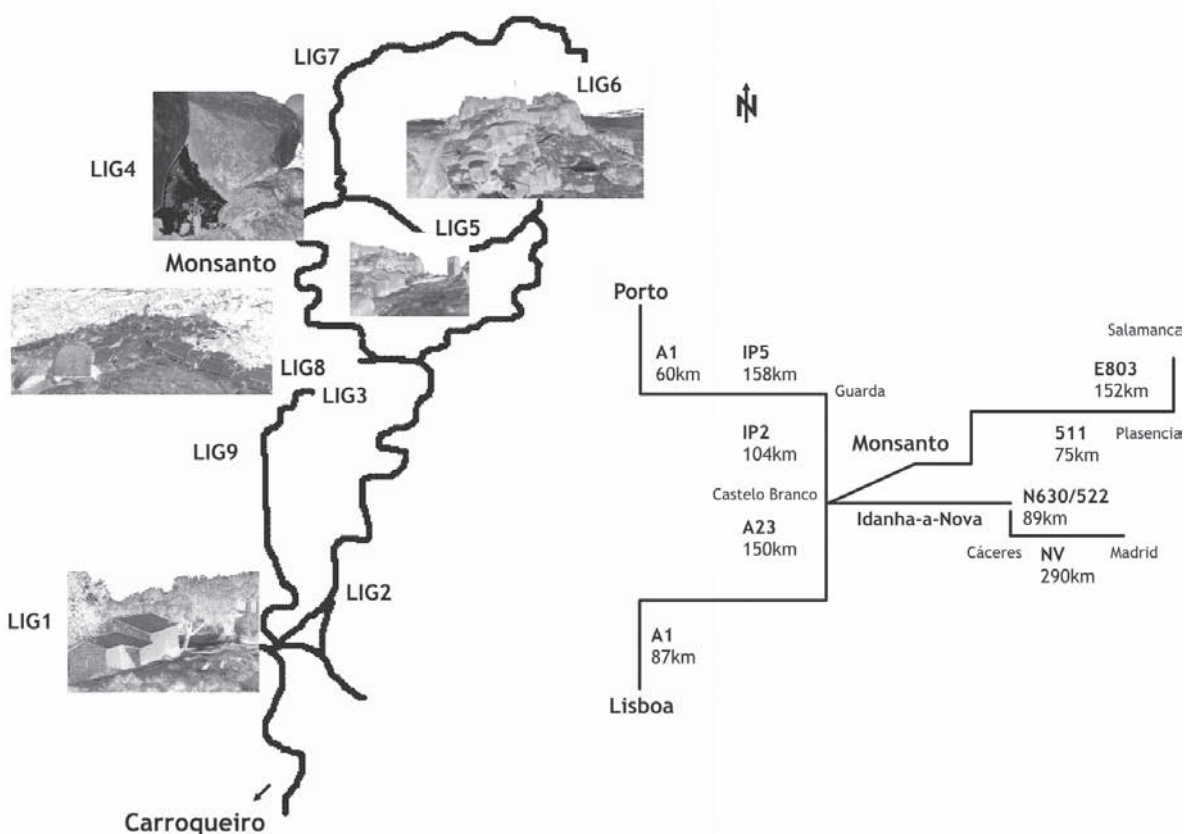


Fig. 1 – Localização do "Parque Geomorfológico", com a indicação das distâncias pelas principais vias de acesso, e distribuição dos principais Locais de Interesse Geomorfológico (LIG) ao longo da rota *As Pedras para Além do Sagrado*.

teve, curiosamente, uma génese abaixo da superfície topográfica (Fig. 2). De facto, o granito são tende a possuir uma reduzida permeabilidade e porosidade às águas meteóricas. No entanto, sob condições climáticas quentes e húmidas, como as que existiram durante o Cretácico, os fluidos percolantes puderam alterar profundamente o granito, por decomposição das plagioclases e cir-



Fig. 2 – O *inselberg* acastelado de Monsanto.

culação através da fracturação ortogonal. No entanto, os xistos do Grupo das Beiras envolveram-se ainda mais depressa promovendo uma frente de meteorização basal do tipo *etchplain* (Cabral, 1995) e levando à exumação do relevo granítico por remoção mecânica do manto de alteração durante o período árido do Paleogénico-início do Neogénico (Fig. 3). A diferenciação altimétrica dos *inselberge* de Monsanto-Moreirinha-Alegrios e Penamacor face à restante área granítica poderá derivar de uma alteração diferencial motivada por uma variação granulométrica ou textural na composição mineralógica do granito, na densidade de fracturas ou num alteração marginal pronunciada ao longo de importantes fracturas verticais. Esta questão encontra-se actualmente em fase de estudo, sendo que a última hipótese poderia explicar a existência de "fontes de águas quentes" na zona de S. Pedro de Vir-a-Corça anteriormente ao terramoto de 1755 (Salvado, 1993). A correlação altimétrica de Mon-

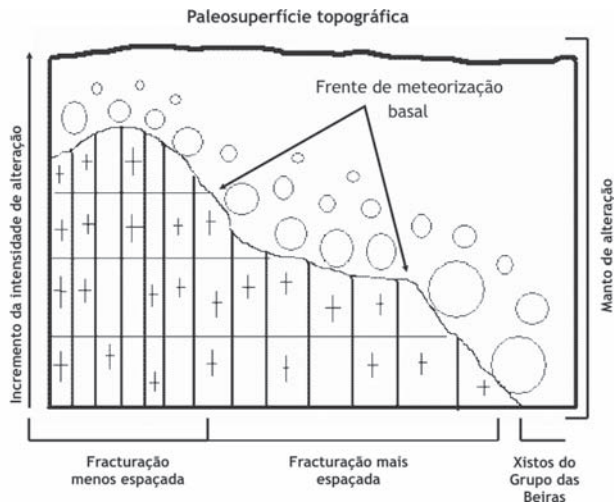


Fig. 3. Esquema ilustrativo do desenvolvimento bifásico do *inselberg* de Monsanto. A exploração sub-superficial de fracturas pela meteorização é seguida de erosão do manto de alteração e exposição da frente de meteorização basal (inspirado em Twidale, 1982).

santo com as cristas de Penha Garcia mostra que o relevo granítico é anterior à deposição das *rañas* de Monfortinho, o que significa que o *inselberg* já teria atingido a forma actual *grosso modo* no pré-Zancleano (de acordo com a litostratigrafia de Cunha, 1996).

3.1. LIG1: S. Pedro de Vir-a-Corça

Este local de grande interesse arqueológico, antropológico e geológico, um possível ponto de partida para o circuito geomorfológico, encontra-se bem sinalizado e possui um parque de estacionamento, o antigo terreiro da feira do séc. XIV. No posto de turismo de Monsanto poderão ser obtidas mais informações sobre esta região e sobre esta pequena rota. Cenário de crenças milenares (Salvado, 1993), este espaço de sombras convida à introspecção pelo seu silêncio. De realce, a igreja românica rodeada por um frondoso chaparral de onde sobressaem aqui e além impressionantes *caos de bolas*, culminando o amontoado caótico que se estende ao longo da vertente (Fig. 4). O Campanário é independente da igreja, sobreposto a uma enorme bola de granito. Muitas destas enormes bolas de granito, em aparente equilíbrio instável, nunca se moveram. A sua origem prende-se com o modo como os fluidos percolantes nos solos alteram os granitos através da sua circulação por uma fracturação tipicamente ortogonal (Romaní



Fig. 4 – O espaço e o sagrado em S. Pedro de Vir-a-Corça no dizer de Salvado (1993).

& Twidale, 1998), onde os ângulos sofrem uma maior alteração. O rególito resultante terá sido removido por erosão, deixando expostos os núcleos graníticos arredondados. Os *caos de bolas* de S. Pedro apresentam muitos *blocos fendidos* naturalmente por fracturas do tipo apresentado, em que as partes deslocadas encontram-se frequentemente tombadas na base do afloramento. Às fracturas verticais variscas associa-se uma fracturação horizontal motivado por descompressão adiabática do plutonito visível pelas fracturas de descamação patentes no afloramento junto da estrada.

O espaço sagrado é ainda composto pela “gruta” do anacoreta Santo Amador, uma reentrância erosiva num afloramento granítico, sobrepondo-se a esta os vestígios de um lagar, assim como pelo complexo de sepulturas antropomórficas situado a N da igreja, e anteriores a esta. Nos blocos situados a poente encontram-se cruces gravadas e é frequente encontrar nas superfícies verticais depressões circulares a poligonais decimétricas, consideradas antropomórficas (Salvado, 1993). No entanto, tratar-se-ão, em muitos casos, de *tafoní*, pelo qual não será de estranhar os alinhamentos de covas ligadas por finas fracturas. Normalmente, estas depressões são associadas pelos arqueólogos a “Penedos Santuário”. A sua origem natural, por alargamento de fracturas através da circulação de fluidos meteóricos (Campbell, 1997; Romaní & Twidale, 1998) e ubiquidade em contextos não arqueológicos não dão créditos à pretensa tese de sacralização das rochas onde ocorrem. Todavia, não é fácil definir o que foi

feito por mão humana daquilo que é natural. Pensamos que deverá ter-se cuidado neste tipo de interpretações, podendo o geólogo ter um papel determinante no diagnóstico. Mais além, podem encontrar-se as ruínas de um possível *torreão* (Salvado, 1993).

Para nascente da igreja de S. Pedro, observa-se enorme *bola fendida* com cerca de 15m de altura (Fig. 5) e quase 4000 toneladas(!) de peso, em que uma das partes se terá soltado e rolado sobre si até atingir a posição actual. Na parte oposta, é notável a descamação em *casca de cebola* e a alteração

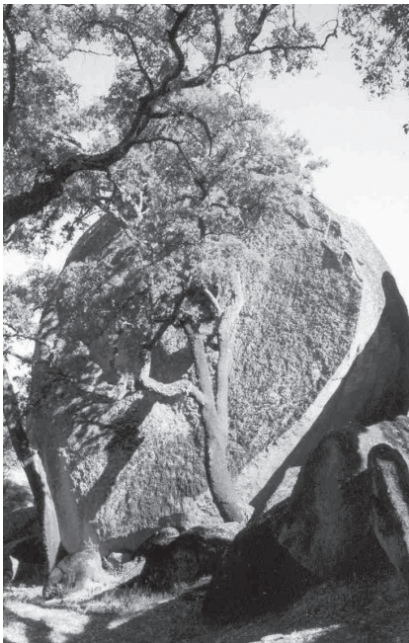


Fig. 5 – Grande bola de granito fendida e com deslocação de uma das partes.

poligonal (Fig. 6), com génese correlacionada. Este tipo de descamação com lajes lenticulares é responsável pelo arredondamento das bolas graníticas. O padrão reticulado da alteração poligonal em superfície plana gerou-se ao longo de um diaclasamento fino na parte mais externa da frente de alteração, não atingindo mais do que alguns centímetros de profundidade. A fractura de decompressão leva à dissociação de delgadas placas convexas decimétricas.

Um trilho para SSE levará o visitante à Fonte da Corça escavada na rocha, junto da qual se encon-



Fig. 6 – Alteração poligonal incipiente numa das faces da bola anterior, um granito de grão médio equigranular.

tra o magnífico exemplar de uma casa "de uma só telha" em ruínas, um abrigo sobre uma imensa laje de granito que representa o aproveitamento sensato da Natureza pelo monsanino.

3.2. LIG2: Trilho da serra

Voltando ao enorme bloco junto do eremitério, um pequeno trilho entre fetos sobe para leste até um granito com profunda alteração poligonal, também esta de origem meteórica subsuperficial controlada por uma fracturação tectónica (Fig. 7).

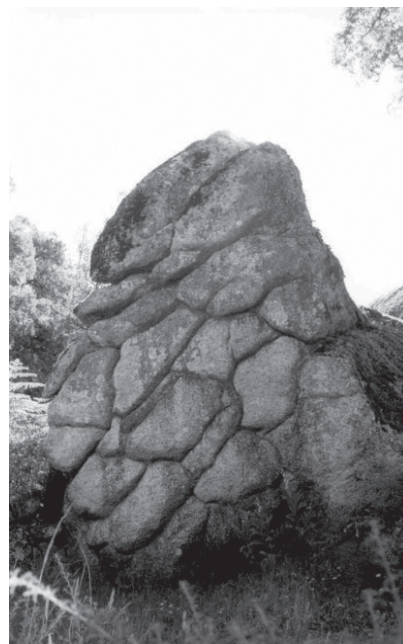


Fig. 7 – Alteração poligonal mais profunda e irregular. A descamação da rocha resultante assemelha-se à figura anterior.

O trilho em ascensão até Monsanto, agora com sentido N, torna-se fortemente sinuoso. Entra-se no povoado pela Rua da Sarça.

3.3. LIG3: Aldeia

A aldeia de Monsanto apresenta um núcleo habitacional extremamente bem preservado, com ruas de traçado medieval limitadas por casas tradicionais e bolas de granito que servem de suporte, parede ou de tecto. Na Rua de Nossa Senhora do Castelo, à entrada do burgo, poderá apreciar-se uma bela casa “de uma só telha” (Fig. 12), aproveitando um bloco, com aproximadamente 2400 toneladas, como telhado! Ao longo da rua poderá encontrar-se a *gruta*, um espaço entre bolas de granito que há muito foi transformado num lugar de devoção. Vale a pena observar ainda o pelourinho, a Igreja de Matriz, a Torre de Lucano, como exemplos de arquitectura erudita onde o granito domina, assim como os numerosos chafarizes que abundam por todo o povoado (Mono, Fonte Nova, Meio, apenas como exemplos), os quais são testemunhos da importante circulação de água que se faz no interior do maciço granítico e que, certamente, continua a promover a sua alteração.

3.4. LIG4: Penedos Juntos

A Rua Marquês da Graciosa, entre solares setecentistas brasonados, dá acesso à Rua da Azinheira, por onde se ascende ao castelo através de Penedos Juntos. Ao longo do caminho surge à esquerda uma *forma em chama*, bloco granítico em forma de cogumelo com várias *caneluras* nos seu topo convexo. Resulta de uma alteração mais activa na base da rocha, certamente coberta primitivamente por rególito. As caneluras são produzidas pela escorência das águas pluviais na cúpula, quando o seu volume é superior à permeabilidade da rocha (Romaní & Twidale, 1998). Logo a seguir, ocorre uma *pseudo-estratificação* motivada por fracturas horizontais de descompressão mais densas.

Os Penedos Juntos correspondem a duas enormes bolas fracturadas que, por justaposição, formam um túnel atravessado pelo trilho. Nas paredes mais protegidas podem ser observadas superfícies com o granito pouco alterado, permitindo co-

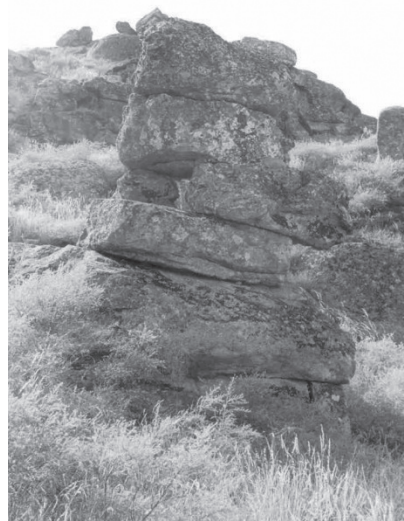


Fig. 8 – Pequeno Tor resultante da degradação de um bloco pseudo-estratificado.

nhecer a sua composição mineralógica e a textura hipidiomórfica.

O prolongamento do trilho leva à passagem por pequenos *Tor*, acumulações de blocos *in situ* (Fig. 8). A sua origem é poligénica, bifásica, e terá como justificação a mesma dada para a formação do *inselberg* de Monsanto e para a esmagadora maioria das formas de pequena escala já descritas. A sua pequena dimensão deve-se a uma fracturação vertical mais densa.

3.5. LIG5: 13 Tigelas

A paisagem próxima do castelo é ciclópica pelo caos de enormes bolas, algumas delas demonstrando a descamação em *casca de cebola* e fendas de descompressão, numa das quais se pode observar, junto do caminho, as 13 *tigelas*. Estas estruturas são vistas por muitos como mais um Penedo Santuário com covas insculpidas, símbolo abstracto de uma religião pré-cristã ao qual se associam lendas, como a senhora que vinha aí distribuir a sopa aos pobres. Segue uma interpretação inglesa com mais de 200 anos, segundo a qual se relacionariam com cerimónias druídicas (Romaní & Twidale, 1998). As *tigelas* são depressões circulares a ligeiramente ovais alinhadas no mesmo plano de fractura de descamação sub-horizontal. Na verdade são 14 as covas, mais uma isolada no topo do mesmo monólito, distanciada das restantes poucos metros (Fig. 9). Estas depressões apresentam uma dimensão semelhante (<20cm de eixo



Fig. 9 – Caos de bolas entre o Castelo e a Torre do Peão, com a Igreja de S. Miguel ao centro.

maior ou raio), mas diferem em profundidade e na distância entre elas. O seu fundo côncavo também não é regular, com menor inclinação segundo a pendente do plano principal ($12-18^\circ$ de inclinação para E). As covas do bordo do bloco são incipientes ou encontram-se "rotas" no sentido do normal extravasamento das águas pluviais. Estas estruturas têm uma clara gênese natural, tratando-se de *gnammas* ou *pias*, normalmente formadas em superfícies sub-horizontais ao longo de fracturas ou na sua intersecção (Campbell, 1997). São posteriores à rede ortogonal de fracturas verticais que assola a rocha, alinhando-se em três fiadas segundo a sua orientação predominante $N60^\circ E$ e $N28^\circ W$ (Fig. 10). Terão resultado da concentração pontual de fluidos meteóricos em zonas de fractura em cunha, onde se poderá potencializar a hidrólise diferencial das plagioclases ao longo das microfissuras e conseqüente alargamento progressivo da cavidade resultante por remoção dos detritos segundo a maior pendente. Nos afloramentos envolventes a NE, os

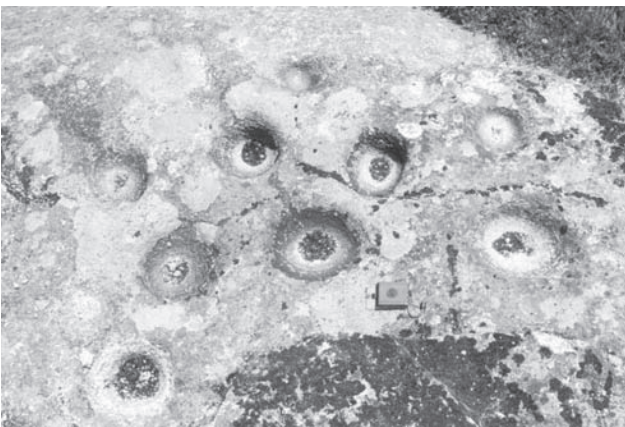


Fig. 10 – Afloramento das 13 tigelas.

gnammas são abundantes e ocorrem com formas e dimensões distintas, podendo "estas" ser irregularmente alongadas se forem "rotas" por caneluras e coalescerem, resultado natural da sua evolução meteórica. Os *tafoní* em superfícies oblíquas são muito mais raros.

Próximo destas estruturas encontram-se as magníficas ruínas da Igreja de S. Miguel, construção românica do séc. XII, a antiga matriz situada no centro no extinto burgo, de que hoje só restam vestígios. Em torno desta, os afloramentos graníticos encontram-se sulcados de sepulturas antropomórficas medievais.

3.6. *LIG6: Castelo medieval*

Implantado sobre antigo castro, o actual castelo de Monsanto foi uma das mais emblemáticas sentinelas da raia. Para a sua história conturbada muito contribuiu a sua posição estratégica e o substrato alcantilado onde se instalou (Fig. 11). Do vértice geodésico ou das suas muralhas, a paisagem impressionante de 360° abarca muito para



Fig. 11 – A morfologia das 13 *tigelas*, inclinando segundo o plano onde se encontram, assim como o seu alinhamento ao longo de fracturas pré-existentes, aponta para uma origem natural idêntica à dos *gnammas*.

além dos territórios planos de Idanha. A descrição da paisagem pode ser encontrada nos pontos seguintes.

No vértice geodésico (758m), afloram granitos com covas e depressões cúbicas que não devem ser confundidas com *gnammas* ou *tafoní*. São formas muito regulares e com fundo plano, elaboradas na rocha para suporte de travejamento de madeira.

3.7. *LIG7: Porta da Capela de S. João*

Saindo do castelo para N através da Porta da Traição, um trilho contorna grandes amontoados de blocos arredondados *in situ*, e permite alcançar o que resta da Capela de S. João. O seu portal é um magnífico mirante sobre a Superfície de Castelo Branco, separada da Superfície de Alto Alentejo a SE pela escarpa de linha-de-falha do Ponsul, cuja génese e reactivações foram explicadas por Ribeiro (1943), Dias & Cabral (1989) e Cabral (1995). O alinhamento quartzítico residual de Penha Garcia prolonga-se para SE, muito para além da fronteira do Erges, onde é interrompido pelo encaixe fluvial deste rio. Quase paralelamente a este, desenvolvem-se os relevos residuais cenozóicos de forma trapezoidal a cónica da Murracha, Murrachinha e Pedras Ninhas. Em primeiro plano, abundam os *tor*.

3.8. *LIG8: Mirante do Baluarte*

Descendo do castelo pela calçada, torna-se à Rua de Nossa Senhora do Castelo até à Matriz, por onde se desce para o *mirante do Baluarte*. Deste mirante observa-se em primeiro plano o *inselberg* da Moreirinha-Alegrios a levantar-se da Superfície de Castelo Branco e, para N, o *inselberg* de Penamacor, permitindo ter uma perspectiva da área ocupada pelo plutonito de Penamacor. Para NW eleva-se o *horst* da Serra da Estrela e o maciço granítico da Gardunha, separada deste pela área deprimida da Cova da Beira. Para NE, os cabeços xistentos da Serra da Malcata, com um modelado



Fig. 12 – Casa de “uma só telha” próximo da Rua de Nossa Senhora do Castelo: um aproveitamento singular e estético do granito.

próprio, prolongam-se para Espanha, aos quais se sobrepõe, em plano mais próximo, o flanco S do sinclinal de Penha Garcia, com uma linha de cumeada a cotas muito homogêneas. Em Salvador, adivinha-se a terminação periclinal desta importante estrutura tectónica.

3.9. *LIG9: Porta de Santo António*

Da Torre de Lucano acede-se à capela de Santo António. É pela porta medieval de Santo António, muito mais tarde munida de guarita, que se sai da aldeia de Monsanto, aqui respeitando a cintura de muralhas. Seguindo as marcas do percurso de grande rota das aldeias históricas, da estrada alcatroada entra-se pela esquerda na *Via Romana* que ligava o povoado a S. Pedro de Vir-a-Corça. O caminho serpenteia ao longo da encosta. À direita deste, surge um afloramento granítico que ostenta *pseudo-estratificação*. Esta encontra-se mascarada por um denso diaclasamento sub-vertical alargado pelas águas pluviais (Fig. 13).



Fig. 13 – Pseudo-estratificação fortemente seccionada por fracturas verticais N-S, alargadas por circulação de fluidos.

3.10. *Balneário*

No prolongamento do trilho rodeado de muros graníticos tradicionais, e passando a fonte, à esquerda é visível um conjunto de grande tinas escavadas na rocha, por vezes conectadas. Poderá ter sido um balneário de idade incerta (Salvado, 1993). Mais uns metros, e esta viagem termina com o regresso ao espaço idílico de S. Pedro de Vir-a-Corça.

4. Conclusão

O *inselberg* de Monsanto é um dos ícones geomorfológicos de eleição em Portugal. Tal se associa ao pioneirismo do geógrafo Orlando Ribeiro que, nestas paragens, promoveu estudos com repercussões internacionais mas com um principal impacto na forma como a Geologia portuguesa perspectivava, ou se desvinculava até aí, do estudo da evolução do relevo. No entanto, a esta mega-estrutura se associa um conjunto de formas menores de elevado interesse, seja estético e cultural, porque se associam lendas e tiveram importância na história local, ou científico, porque permitem visualizar o modo como este grandioso relevo evoluiu até ao aspecto presente. Numa região onde a Geologia começa a florescer da sua diversidade para um novo estilo de turismo, Monsanto pode finalmente deixar de ser a sentinela da raia para tornar-se um novo farol da cultura portuguesa.

Bibliografia

- AMARANTE, E. (2003) - Lugares Mágicos e Tradições. Publicações Quipu, Lisboa, 104p.
- CABRAL, J. (1995) - Neotectónica em Portugal Continental. Memórias do Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa, 31 (n.s.), 265p.
- CAMPBELL, E. M. (1997) - Granite landforms. *Journal of the Royal Society of Western Australia*, 80, 101-112.
- CUNHA, P. P. (1996) - Unidades litostratigráficas do Terciário da Beira Baixa (Portugal). *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 82, 87-130.
- DIAS, R. P. & CABRAL, J. (1989) - Neogene and Quaternary reactivation of the Ponsul river fault in Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 75, 3-28.
- ESPÍRITO SANTO, M. (1990) - A Religião Popular Portuguesa. Assírio & Alvim, Lisboa, 236p.
- PIRES, C. R. (2000) - O País das Pedras. Edição do Autor, Viseu, 390p.
- RIBEIRO, O. (1939) - Sur la morphologie de la Basse Beira, *Bulletin de la Association Géographique de France*, 122, 113-122.
- RIBEIRO, O. (1942) - Notas sobre a evolução morfológica da orla meridional da Cordilheira Central. Entre Sobreira Formosa e a fronteira. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 1(3), 123-145.
- RIBEIRO, O. (1943) - Evolução da falha do Ponsul. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 24, 109-123.
- RIBEIRO, O. (1949) - Le Portugal Central (Livret-Guide del'Excursion C). XVI Congrès International de Géographie, Lisbonne, 180p.
- RIBEIRO, O. (1951) - Três notas de geomorfologia da Beira Baixa. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 32(1), 271-294.
- ROMANÍ, J. V. & TWIDALE, C. R. (1998) - Formas y Paisajes Graníticos. Universidade da Coruña, Monografías nº 55, 411p.
- SALVADO, M. A. N. (1993) - O Espaço e o Sagrado em S. Pedro de Vir-a-Corça. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 117p.
- TWIDALE, C. R. (1982) - Granite landforms. Elsevier, Amsterdam, 372p.
- VASCONCELOS, J. L. (1989) - Religiões da Lusitânia (vol. III). Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa.